

Competitividade e controle

Competitividade

Coligado à inveja e ao ciúme encontramos o espírito de competitividade — o desejo de ganhar sempre ou de ser o maioral em nossa área de atividade. O ímpeto competitivo começa logo cedo na vida. As crianças geralmente ficam muito contrariadas ou têm chuliques quando são derrotadas num simples jogo infantil. Mas não são apenas as crianças que têm esse problema. Já vi homens adultos, que sempre foram cristãos exemplares, terem um ataque de nervos porque o time do filho perdeu o jogo. Competitividade é basicamente uma manifestação de orgulho. E o impulso de vencer à custa dos outros. Certamente não é amar o próximo como a nós mesmos.

Sei que estou mexendo com uma “vaca sagrada” de nossa cultura, pois transformamos a competitividade em virtude. Ensinamos os filhos diretamente e pelo exemplo de que é bom ser competitivo, que é assim que somos bem-sucedidos no mundo.

No entanto, questiono se o espírito de competição é uma virtude cristã. Acredito que a ênfase bíblica está na virtude de fazermos o melhor que pudermos (veja, por exemplo, 2Tm 2.15). No emprego, devemos trabalhar de coração (v. Cl 3.23), que é outro modo de dizer: “Faça o seu melhor”. Mas, claro, o “nosso melhor” não é igual para todo mundo. Algumas pessoas foram abençoadas com maiores habilidades ou com mais inteligência ou dons espirituais. Naturalmente, a glória de Deus — e não o reconhecimento público — deve ser a motivação para fazermos tudo da melhor maneira possível.

O reconhecimento pode vir, mas não deve ser nossa motivação.

Assim, o vendedor de carros, deve esforçar-se ao máximo para vender carros de um modo que glorifique a Deus. Se o esforço fizer dele o melhor vendedor da concessionária, ele não deve ficar soberbo, mas agradecer a Deus por tê-lo capacitado a chegar lá. Se o esforço o colocar em terceiro, quarto ou em outra posição inferior no quadro de vendedores, ele pode ter o consolo de saber que deu tudo de si.

Alguém talvez argumente que Paulo claramente apoiou o espírito competitivo em **1Coríntios 9.24**: “**Não sabeis que entre todos os que correm no estádio, na verdade, somente um recebe o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis.**”

Contudo, a analogia termina no prêmio. Numa maratona, apenas um corredor vence e recebe o prêmio; mas, na vida cristã, todos nós podemos receber o prêmio. Paulo não nos incentiva a competir contra ninguém. O que ele está dizendo é: “Corram a maratona cristã com o mesmo vigor que os maratonistas que competem pelo único prêmio.”

Gostaria de esclarecer que não sou contra as competições amistosas, mas contra o espírito competitivo de quem sempre tem de vencer ou ser o melhor. Acho até que a

competição saudável faz muito bem, especialmente às crianças e aos adolescentes, pois dá-lhes a chance de se esforçarem ao máximo.

Esse tipo de competição não se limita aos esportes. Mas não importa o campeonato, a pergunta que as crianças ou os adolescentes e seus pais devem fazer não é: “Ganhamos a prova?”, e sim: “Fizemos o nosso melhor?”

Vemos, assim, que existe um relacionamento íntimo entre inveja, ciúme e competitividade. Ficamos com inveja de um colega mais bem-sucedido em uma área que valorizamos muitíssimo. Ficamos com ciúme se alguém tenta tirar o que é nosso. E esses dois sentimentos fomentam o espírito competitivo que anuncia: “Tenho de vencer ou ser o número um em tudo.” Todos esses comportamentos são resultantes do orgulho pecaminoso, de pensarmos só em nós mesmos.

Controle

Inveja, ciúme e espírito competitivo podem ser agrupados em uma palavra: rivalidade. Em lugar de vermos uns aos outros como membros participantes do corpo de Cristo, é fácil vê-los como rivais contra quem estamos lutando.

Existe outro pecado sutil que podemos incluir nesse grupo. É o pecado de tentar controlar os outros para nos darmos bem ou para conseguirmos o que desejamos

Certo cristão perguntou a um pastor qual era o motivo do atrito entre um casal de sua igreja. Sem hesitar, ele respondeu: “O marido quer controlar tudo. Ele quer que as coisas sejam sempre do seu jeito.” A ilustração não tem o objetivo de jogar a culpa nos homens. Homens e mulheres têm competência para serem controladores. Em todos os relacionamentos interpessoais contínuos, há sempre alguém de personalidade mais forte ou mais dominante. Se essa pessoa não tiver cuidado, acaba controlando o relacionamento. Isso não ocorre somente nos casamentos, mas em qualquer situação em que duas ou mais pessoas trabalham ou se divertem juntas.

Observamos isso nas crianças enquanto elas brincam. Geralmente uma delas quer fazer todas as escolhas, e fica zangada quando sua vontade é contrariada.

Nota-se essa mentalidade controladora em atividade numa igreja onde um músico cheio de vontades é sempre contra as decisões do líder de música. Atitudes assim não são incomuns. Um amigo me contou que algo semelhante aconteceu em sua igreja. Certo cristão tinha outro amigo, ex-pastor e agora missionário, que deixou uma igreja apenas seis meses depois de ser empossado porque uma família mandona insistia em que as coisas fossem feitas do seu jeito.

Já vi isso acontecer até nos ministérios com estudantes universitários.

O controlador usa todos os métodos para conseguir o que deseja. Um desses métodos é dominar completamente o relacionamento pela pura força de vontade, de tal modo que a outra pessoa (ou pessoas) sempre cede e deixa o controlador fazer o que quer.

Outro jeito é ficar zangado quando sua decisão é questionada ou quando seus desejos não são satisfeitos imediatamente. Muitas vezes, quando o controlador não consegue facilmente o que quer, ele recorre à manipulação. E a coisa pode ser feita de modo a levar o outro a se sentir culpado ou incompetente. O marido controlador diz algo assim: “Por que o jantar nunca fica pronto na hora?” quando, de fato, o jantar normalmente é servido na hora. A esposa manipulativa talvez diga: “Você é igualzinho ao meu pai” (porque o pai nem sempre lhe fazia as vontades). O músico que queria comandar o louvor na igreja passou a denegrir o caráter do ministro de música.

É óbvio que o controlador quer as coisas sempre do seu modo. Em vez de se sujeitar uns aos outros (v. Ef 5.21), existe uma ânsia de controlar uns aos outros.

Claro que isso é fruto do egoísmo. E difícil lidar com esse pecado porque o controlador é o último a reconhecer essa tendência em sua vida.

Como a carne continua guerreando dentro de nós, ainda temos pontos cegos de pecado — especialmente o pecado sutil — em nossas vidas. Precisamos do poder convincente do Espírito Santo, e da ajuda de outras pessoas para detectarmos esses pontos cegos. Incentivo-o a pedir que Deus lhe abra os olhos para que você enxergue sua inclinação à inveja, ao ciúme ou ao desejo de controlar os outros. Peça que familiares e amigos mais chegados sejam honestos com você a esse respeito. Se você é do tipo controlador, as pessoas talvez relutem em fazer isso por causa de seu comportamento no passado. Assim você tem de mostrar humildade sincera ao falar com elas.

Depois, em vez de se defender — ou usar o que as pessoas disseram contra elas mesmas — aja com sabedoria, aceite o que disserem e peça que Deus o ajude.

Certa vez certo pastor confrontou alguém em seu ministério que era propenso a controlar tudo. Em vez de o ouvir, ele ficou uma fera e cortou relacionamento. Dali em diante, ele fazia de tudo para o evitar. Ele se recusou a encarar seu pecado.

Não faça isso. Não atravesse a vida acalentando inveja nem ciúme, nem tentando ser sempre o primeiro ou forçando a barra para conseguir o que deseja.

Lembre-se: “Deus se opõe aos arrogantes, mas dá graça aos humildes” (IPe 5.5).

Não se oponha a Deus.